

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA
10 e 31 de maio de 2022

AGOSTO / 1988

um filme de Jorge Silva Melo

Realização: Jorge Silva Melo / **Argumento:** Jorge Silva Melo e Philippe Arnaud / **Fotografia:** Acácio de Almeida / **Som:** Joaquim Pinto / **Música:** José Mário Branco / **Montagem:** Claire Simon / **Interpretação:** Christian Patey (Carlos), Olivier Cruveiller (Dário), Marie Carré (Alda), Manuela de Freitas (Nina), Pedro Hestnes Ferreira (Alberto), José Nascimento (Rodrigo), Fernando Móra Ramos (Emílio), Glicínia Quartin (a viúva do aviador), Rita Blanco (a rapariga da praia), Isabel Ruth, etc.

Produção: Paulo Branco para Filmargem (Lisboa) e Arion Productions (Paris) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, cor, 98 minutos / **Ante-Estrela:** Cinemateca Portuguesa, a 1 de Outubro de 1988 / **Estrela:** Fórum Picoas, a 10 de Maio de 1991.

*No instante da partida
há sempre uma demora
não do tempo - da vida*

Jorge de Sena

Duma passagem - a meio caminho - falou o primeiro filme de Jorge Silva Melo, passagem entre tanta coisa e para tanta coisa. Depois, disse-nos que ninguém, duas vezes. O seu terceiro filme fixou-se num exacto mês, o pino do Verão. **Agosto** no campo e **Agosto** na praia, **Agosto** no norte e **Agosto** no sul, **Agosto** nos arraiais do Minho e **Agosto** na orla marítima da Arrábida. E diz-se - tenho ouvido dizer - que a luz mais doce é a luz das alvoradas de Verão no Minho e é a luz dos entardeceres de Verão na Arrábida.

Mas se os outros filmes eram filmes de passagem eram também de paragem. "A vida passa e em passar consiste" escreveu outro Poeta. Por consistir, pára. E as personagens de duplas ficções de **Passagem** ou as personagens de duplas regressões de **Ninguém Duas Vezes** ficavam paradas, à espera. Nessa espera, passavam.

Em **Agosto** há e não há o mesmo movimento. As personagens passam - será melhor dizer perpassam? - e ficam, semelhantemente, paradas. Mas essa paragem vem menos delas - errantes entre vários pontos permutáveis - que do espaço e do tempo que as cercam, nimbando-as num halo de imobilidade. Muito tempo - algum tempo - se passava entre as várias viagens e as várias memórias dos filmes anteriores. Neste, cabe tudo num Verão e num mês dele: **Agosto**. E embora se atravesse o país (do norte ao sul, do campo à praia) tudo se passa, ou tudo se não passa, num Verão. Um Verão passado (na sinopse do filme situa-se a acção em 1964) mas nada bruscamente. Um verão detido, imobilizado na memória, um Verão que se não pode repetir, embora se repita em tudo que como Verão o define. Dois amigos que pelo menos há dez anos o são - há dez anos um deles ofereceu ao outro um isqueiro - reencontram-se e perdem-se. Enquanto se fixam. Nesse mês, chamado **Agosto**. Que história conta o filme chamado **Agosto**? Rigorosamente não conta história nenhuma. Ou conta três histórias, todas contadas por Alda. A primeira é a daquela

senhora (Glicínia Quartin) que todos os verões passava o Verão na Arrábida. Dantes passava-os com o marido. Depois, o marido morreu. Agora passa-os sozinha. Lê um livro, tem sempre um livro para ler, vai à praia, cruza-se com os protagonistas e, uma vez ou outra, dá-lhes os bons dias. Mais tarde, conta outra história da mesma senhora, história que Alda e o realizador se esqueceram de nos contar quando contaram a primeira história. É que o marido dela era aviador e, quando não podia vir, sobrevoava a praia, baixinho, e atirava-lhe rosas. A terceira história é Alda quem a conta ao ouvido de Carlos. Percebemos pelo fim da frase o que não ouvimos do início dela. Alda vai ter um filho na primavera. Em Março. Fazemos contas (mais ninguém as faz) e ficamos a saber que já estava grávida de três meses nesse **Agosto** desse Verão.

Percebo muito bem que me digam - e que digam ao realizador - que nenhuma destas histórias é história nenhuma. Quando muito, as primeiras são vagamente tristes e a última vagamente alegre. Mas não há outras histórias para contar. Há a história de Alberto, há a história de Nina, há a história de Emílio, há a história de Rodrigo, talvez me esteja a esquecer de mais duas ou três. Mas não ficámos a saber muito delas. Alberto não é propriamente pago por Nina, não se sabe bem porque anda ali, escapou como podia não ter escapado. Talvez se tenha apaixonado muito por Alda, na noite da festa, quando ela parou de dançar com ele ou ele parou de dançar com ela. Talvez vá sofrer muito - como Alda a certa altura diz - talvez não. De Nina, ficamos sem saber se devemos ter muita pena, se nenhuma. Diz-nos, no fim, com cara de estúpida, que as pessoas felizes parecem muito estúpidas e também não temos a certeza que a moral da história (dela ou das outras) se resume a tanto ou a tão pouco. Emílio esteve na guerra, teve ciúmes da mulher, voltou para a matar, foi preso, a mulher ficou em coma. Já conhecemos essa história, há muitos filmes portugueses sobre ela. Chama-se-lhe um *fait divers* ou um caso passionnal. Rodrigo tinha várias mulheres, umas traziam-lhe abacates de África, outras atiravam esses abacates borda fóra.

Estou-me a esquecer dos chamados protagonistas? Não estou. Mas se Carlos imaginou coisas foi lá com ele. Nada do que imaginou se passou. Mas também não passou o que imaginou. Durou. Durou **Agosto**. E Dário e Alda não imaginaram nada. Viram. O Verão. Viveram e duraram o Verão. Não vieram de parte nenhuma, não foram para parte nenhuma. Se houve argumento foi na cabeça de Carlos. Na sua cabeça - disse Jorge Silva Melo - *"gira a mecânica (ingénua e perversa) de um argumentista. Incapaz de se situar diante das coisas sem lhes transformar os sinais em suspeitas e lhe nascer a tentação da manipulação"*.

E nós? Seremos nós capazes de nos situar diante das coisas, diante dos corpos, diante do Minho, diante da Arrábida, diante dum exame do Conservatório, diante duma festa, diante duma casa branca na noite, à luz do fogo de artifício, ou diante do mar azul e transparente da Arrábida, com a Pedra da Anicha ao fundo? Seremos capazes de parar perante estas imagens e de as olhar como puras imagens?

Filme de passagem e filme de paragens, **Agosto** lança-nos esse desafio, a que também chamarei ingénuo e perverso. Ingénuo porque acreditou, nesses finais dos anos 80, que ainda era possível a espectadores, que já se tinham tornado decifradores e montadores, olhar apenas para a beleza do mundo e para a luz do Verão. E, como o aviador, lançar essas rosas sobre elas e assim as amar em vôo rasante. Perverso, porque não acredita nessa milagrosa inocência e nos provoca com a cultura capaz de a desviar. A cultura que nos dá sinais ao mesmo tempo que os retira e que nos diz, em tradução livre, que, se tudo são sinais, se calhar nós somos sinais também. E nem sequer remata o verso em inglês ou em ironia.

"Há um minuto do mundo que passa. Há que o pintar na sua realidade". Quase com esta frase (de Cézanne, citada por Merleau-Ponty no livro "Sens et Non-Sens" que vemos várias vezes) começa o filme. Primeiro sinal perverso. É um sinal de cultura (ainda por cima *démodée*, como o livro de Albert Béguin, "L'Âme Romantique et le Rêve" que também é citado) e essa cultura jamais se volta a manifestar desse modo ostensivo e provocatório, com que é colocada em epígrafe. E é

também um sinal enganador, porque há 97 minutos de vida do mundo que pararam e não foram pintados em qualquer realidade.

Vivem da sua própria sucessão, vivem de passar parados e de parar passando. Ou de parar pensados, se quiserem acreditar que não estou a ser levado por jogos de palavras, mas por jogos de imagem.

Este filme de Jorge Silva Melo é o "cantar do amigo perfeito". Cada sequência leva em *off* o refrão do poema de Sena (não é o que citei em epígrafe, é outro) que diz "*ainda as recordas, diz, ó meu amigo?*". E, como nesse poema, há uma leve e subtil variação nessa coda. Ora é demonstrativa ("*ainda recordas esta?*") ora suplicante ("*diz*") ora, no final, acusatória: "*tu sabes que a levaste, ó meu amigo?*".

Porque é que é reconhecida e dada aos poetas, aos pintores ou aos músicos, a possibilidade de serem tão secretos e tão claros e a queremos recusar aos homens de rima, de imagens e de sons que são ou devem ser os cineastas?

Ninguém ainda mo explicou. Mas a recusa - ou a cegueira - perante a ordem do sublime de **Agosto** só pode ter origens nesse interdito. Em quem ele não existir, (mas em quem não existe pelo menos um pouco?) a evidência deste **Agosto** claro é, como ele é, luminosa.

E a essa luz, as personagens do filme tornam-se quase incandescentes de mistério, venham cobertos de cremes e de véus como Nina vem, ou venham, como Alda, na sequência final, formados por uma saia larga batida pela nortada da Arrábida, sem que nenhuma das mãos dela tente impedir que a saia se levante.

São as imagens que ficam muito tempo na nossa memória. Um corpo a nadar. Um rosto grave a surgir do escuro. Um olhar lançado a pique sobre um fato de banho preto e quem o habita. Fogos de artifício ou balões na noite. Um momento para soltar o amor, um momento para reter o amor. E quem se demora não é o tempo, é a vida.

Um dia, um dia de Verão, um dia de Agosto, um corpo ensanguentado de uma mulher (que Deus lhe perdoe) é metido num táxi, que vemos em toda a profundidade de campo e da noite. O táxi arranca e sucede-se-lhe fulgurantemente, magnificamente, - no que só se pode chamar um *raccord* - o verde do mar da Arrábida. A um canto, alguém ecoa qualquer coisa como "*história horrível*". Mas já estamos em outro mergulho.

*Se eu morrer e tu ficares. O tempo passa e em passar consiste. Plongée oblíquo sobre uma mulher num barco. Tu vais-te embora. Eu vou-me embora. O Verão já se acabou. Seis períodos para traduzir **Agosto** em rima de pé quebrado. Está no filme (até o pé quebrado). Saibam ver. E se virem coisa de mais ou coisa de menos, o filme não é capaz de falar convosco. E de vos fazer ver no vento que sopra na Arrábida o sopro do vento da separação. Os olhares a cruzarem-se "*por cima dos locais, por cima das sequências, por cima das acções (...)* Como se os espíritos ou as pessoas se falassem por cima do acessório". Exactamente como Jorge Silva Melo disse. Exactamente como Jorge Silva Melo filmou.*

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico